

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RÉLIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO:—SECÇÃO DOUTRENAL: *Circulo Catholico de Operarios*, por A. P. do Amaral; *Voltairão os frades?* por um Catholico.—SECÇÃO CRITICA: *Nada*, pelo Ex.^{mo} Sr. Alves d'Almeida; *Biblia*, pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida.—SECÇÃO LITTERARIA: *Milicia Christã*, 2.^a parte, pelo rev. dr. Rodrigues Cosgaya; *Perfil*, pela ex.^{ma} snr.^a M. M.: *O inverno, inedita*, por Rangel de Quadros; *O coração de Jesus*, por Rangel de Quadros.—SECÇÃO HISTORICA:—*O veneravel Padre Simão Rodrigues de Azevedo, jesuita*, pelo rev.^{mo} snr. João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *Santo Apolinario bispo e martyr*; *Recenseamento d'Israel*.—NECROLOGIA: pelo sr. A.—RETROSPECTO.

Gravuras: *Santo Apolinario, bispo e martyr*; *Recenseamento d'Israel*.



SANTO APOLINARIO, BISPO E MARTYR

SECÇÃO DOUTRINAL

Circulo Catholico de Operarios

Para dar mais dilatados horisontes á regeneração operaria, que promettia degenerar em licença, sem que os martyres do trabalho nãda obtivessem praticamente, formou-se no Porto o circulo catholico de operarios que promette largos e copiosos fructos, graças á origem da iniciação e divina protecção do Ceo.

Toda a imprensa digna do paiz se tem referido com louvores ao novo circulo catholico, e muito teem a lucrar os operarios que se inscreverem n'elle, porque sem o auxilio da divina Providencia, sem a protecção de Deus não pôde viver a fragil humanidade.

Em Lisboa já havia sido formada identica instituição, graças á iniciativa do prestantissimo cardeal Jacobini; em França, na Italia, na Belgica, por toda a parte havia circulos catholicos de operarios, só no Porto, na cidade da Virgem, na cidade religiosa por excellencia, apesar de ser considerada por muitos, como valhaçouto de inimigos do catholicismo, não havia nada de semelhante.

Bem haja o benemerito Padre Benevenuto, e todos quantos se dedicaram pelo futuro do operariado portuguez, e bem hajam os operarios que se inscreveram no circulo, porque só quem teme a Deus e cumpre os preceitos da Egreja é que pode ter jus á felicidade n'este mundo, e ao goso da presença do Eterno, alem da campã.

Tem publicado «A Palavra» varios artigos de operarios, appellando para os seus collegas, afim de lhes desvendarem os olhos, mostrando-lhes a realidade das coisas. E a voz d'um só, sendo nascida do coração, provindo d'um espirito energico, verdadeiramente convicto das ideias que evangelisa, pôde muito.

Para prova, veja-se o que succedeu em Paris, em junho de 1848, quando os clubs dos operarios, instigados pelos discursos dos socialistas exaltados, eram asylo de paixões e odios promptos a estalar.

Um dia Brucker subiu á tribuna, defendendo a religião do Crucificado com tamanha energia, que fez não poucos proselytos, entre aquelles inimigos de Luiz Philippe, e sectarios de Ledru-Rollin.

Mas quem era Brucker?

Um artista intelligente, dotado de grande imaginação, que, sob o pseudonymo de Miguel Raymundo tinha escripto varios romances que alcançaram exito. Era descendente d'um sabio

allemao do mesmo nome, professor de philosophia na universidade d'Iéna. Havia sido sceptico, e uma nota de piedade, o fez voltar de novo á fé.

Um dia encontrou o seu amigo Delsarte, tão incredulo como elle, sentado em frente d'um piano, e embebido e absorto com o som d'uma tecla, que acabava de opprimir.

—Que fazes? disse Brucker.

—Escuta. Ouviste este *la* que acabei de tocar?

—Ouvi. E então?

—Pois bem: este som subdivide-se em trez sons perfeitamente distinctos: 1.º o *la* que acabei de tocar, que é a nota tonica; 2.º a dominante do *la*, que é *mi*, formado pela tonica; 3.º o *dó* sustentado, ou medio, procedente da tonica e da dominante, determinando o tom da nota. E estes trez sons simultaneamente dados por uma só corda, unindo uma a uma as vibrações necessarias, não produzem senão um som. Como explicas tu isto?

—Alguna coisa muito semelhante a isso, se ensina, no Cathecismo, ácerca do mysterio da Trindade, disse Brucker com ar pensativo.

—Mas não tinhamos nós dito centenas de vezes, que esse mysterio era um absurdo?

—Tão absurdo como a tua tonica dando nascimento á dominante, e a tua media, procedendo das outras duas. A nossa incredulidade é que é o unico absurdo que aqui se encontra.

Brucker era um orador. Era imperiosa a sua voz, e tinha um modo de affirmar que não permitia replica. O relampago dos olhos unia-se ao trovão da voz, e ai de quem o interrompesse que era fulminado!

Eil-o que sóbe a tribuna, em frente d'esses operarios exaltados, que só sonhavam com o advento do socialismo, e a queda da religião catholica.

E começou por estas palavras, que foram d'um effeito seguro na multidão: *Não se faz justiça ao operario.*

Silencio, curiosidade, pasmo.

«Não se faz justiça ao operario, continua o orador, não se respeita o operario. Ninguem se inclina perante elle, ninguem o saúda, ninguem o respeita! E todavia basta examinar ligeiramente este grandioso edificio, em que nos encontramos, para ver que tudo atesta aqui o trabalho e o genio do operario. Não foi elle, que, com mão atrevida e poderosa elevou a cem pés d'altura esta abobada admiravel, que faz lembrar o ceu? Não foi elle que reuniu e cimentou estas pedras, para formar estes pilares, estas columnas, estas paredes de tão perfeita solidez? Não foi o operario que cinzelou estes deliciosos capiteis, onde todas as plantas encon-

traram na pedra uma nova floração, e todos os animaes uma nova vida?

«Não foi o operario que construiu esses immensos orgãos, d'onde ouvimos a toda a hora essa grande voz, que se escuta nos nossos templos? Não foi elle que pintou com as mais vivas côres esses immensos vitraes, que trazem ás nossas pupillas a luz d'um dia amortecido, e que são para vossas intelligencias um cathecismo colorido tão facil de comprehender? Não é elle finalmente o auctor, o verdadeiro auctor, de todas estas maravilhas, de todas estas obras primas?

«E no entretanto ninguem faz justiça ao operario! (*applausos prolongados*)

«Silencio desgraçados! trovejou o orador. Sabei que no universo não ha senão um unico operario, um unico, digno d'este nome, que formou todos os mais, que se limitam a copiar servilmente as suas obras. Esse operario é Deus.

Elle, só, é o incomparavel Architecto, que, com mão omnipotente elevou a cupula dos Céos, agrupou as nebulosas no espaço, e debuxou no ether a architectura dos mundos. Foi elle que fixou o caminho dos astros, e na eternidade do seu pensamento, deu forma aos seres vivos. Formou o sol como um diamante, e modelou na carne mortal, o corpo humano, estatuava que olha para o céo. Pintor incomparavel, estendeu sobre a terra a variedade das suas côres, e com inimitavel paleta cedeu as suas tintas ás flores, ao Céo, e á pupilla do homem. E no entretanto, digo-vos e repito-vos, que se não faz justiça ao operario, porque vos vejo entrar na sua casa, com a cabeça coberta e a blasphemia nos labios. Frequentemente lhe dirigis insultos e ameaças. Não!—repito—não! não se faz justiça ao operario!

«Mas eu conheço-vos, agitadores. Dizeis-vos philosophos, mas apenas sois revolucionarios. Por detraz das vossas doutrinas, vejo os vossos appetites. Por detraz da vossa philosophia, vejo as vossas paixões, e por detraz da altivez das palavras, a baixeza dos instinctos.»

Gritos insurdecedores impediram que elle continuasse.

—Prendam-n'o, diziam uns.—O seu nome! vociferavam outros.

Mas Brucker tranquillo e sorridente, pronunciou com voz firme estas palavras:

—«Chamo-me Raymundo Brucker, moro na rua Lyer, n.º 4, e não tenho cães, nem creados que me defendam.»

E desceu socagadamente da tribuna, atravessou por entre a multidão, que se desviou para o deixar passar, e sahio d'aquelle recincho, com a magestade d'um senador romano, no meio da estupefação geral.

Ahi está o que pôde fazer um operario catholico.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

Voltarão os Frades?

(AO CORRER DA PENNA)

Tudo contra!

Elementos dominantes!

Os inimigos das ordens religiosas e os individuos, mal informados ou pouco conhecedores do assumpto, dizem, que não deviam existir taes institutos, por que «eram elementos dominantes, tanto nas respectivas localidades, como na politica geral do paiz.» E tambem dizem, que «assim como os Frades tinham influencia na politica e nas localidades, fapatisavam o povo e eram elementos de reacção, de desordens, de desharmonias nas familias e de outros males na sociedade.»

Quem ler e quem ouvir estas e outras acusações contra os frades, se as acreditar piamente, ha-de ficar na convicção de que não havia males, que elles não fossem capazes de praticar e que elles eram as causas de todas as desventuras da patria.

Não queremos dizer, que não tivessem existido frades mal comportados. Já o demos a entender e a este respeito ainda faremos, em logar competente, as nossas considerações. Isto, porém, não vem agora muito para o caso.

Se os poderes publicos houvessem de perseguir e de castigar todos os individuos e todas as associações, que tivessem influencias locaes e politicas, muito teriam que fazer, e nunca chegaria a acabar esse trabalho.

Como a Hydra de Lernes, de que falla a Mythologia, essas influencias e nascem á medida, que são cortadas e renascem quasi sempre com mais força e com maiores elementos.

Essas accusações, que ahi expomos, dariam logar a que se escrevesse, a respeito de cada um, um longo capitulo. Não queremos porém alongar muito esta materia, por isso responderemos, conjunctamente, a taes argumentos.

Não louvamos, que os frades, deixassem o breviario e a cruz pela politica e pelo desejo de dominarem por qualquer maneira e com qualquer fim. No entanto, como homens, estavam no direito de terem as suas opiniões, tanto em politica, como em sciencia, e nas artes e nas letras.

E, se algumas vezes, um ou outro frade era consultado e dava as suas opiniões em negocios politicos, de certo era por ser homem eminente e habil. E seria consultado igualmente, ainda que frade não fôra.

E, se a influencia dos frades em politica era prejudicial, parece incrível, que o Senhor Dom Pedro, primeiro Imperador do Brazil, houvesse chamado, em Portugal, um frade (Dom Frei Francisco de S. Luiz) para fazer parte do ministerio da sua regencia.

Mas, se os governos tem a reear da influencia de taes corpos collectivos, não sabemos, por que não hão de reear das lojas maçonicas; das associações recreativas; das, que são creadas com fins meramente politicos e de muitas pessoas, que, nas occasiões de luctas eleitoraes levam forçadamente á urna os cazeiros, os devedores, os operarios e aquelles desgraçados que mais ou menos d'ellas dependem.

Isto é uma verdade incontestavel. Quem passa em qualquer localidade ou ouve fallar d'ella, raras vezes deixará de ouvir dizer, que ali, quem manda é este ou aquelle individuo; e que d'elle dependem os destinos politicos da localidade e do circulo.

E o mesmo acontece, onde ha um ou mais estabelecimentos fabris, e onde os empregados industriaes dependem dos haveres dos grandes capitalistas. Estes são sempre, e sempre hão de ser, como tem sido, os senhores feudaes, a quem todos ou por lisonja ou por interesse, ou por medo, curvam as cabeças e tratam com mais consideração, muito embora n'elles reconheçam poucas aptidões e mais defeitos do que tinham e podem ter os frades.

E, se estes podiam ter alguma influencia politica, facil seria o tirar-lh'a. Elles não eram a maioria do paiz nem a maioria dos homens influentes. A maioria do paiz estava no direito de não acceder aos seus pedidos e aos seus discursos. E as outras influencias politicas contrabalançariam a influencia dos frades, que, facilmente, tambem podiam ser castigados pelos abusos, que, n'isto e n'outros assumptos houvessem de commetter.

*
* *

Mas os frades foram expulsos em 1834. Parece, pois, que, desde então até hoje tudo entre nós deveria ter corrido pacificamente e o paiz deveria estar no maior auge de prosperidade.

E, no entanto, como nós já fizemos notar, quantas revoluções tem havido desde 1834 até hoje? Quanto sangue tem corrido com as nossas luctas eleitoraes e quantos insultos, pessoal e jornalisticamente, tem ahi dirigido uns aos outros os individuos das diversas facções politicas?

Como é isto? Para quê e por quê? Os frades já acabaram. D'elles e só d'elles vinham os males da patria. Parece, que, pela sua extincção, deveria Portugal ser o paiz mais venturoso do

mundo, visto que tambem é o unico paiz, que já não está sujeito a soffrer esses males, por que é o unico paiz, onde não ha frades.

Parece, que deveriam ter acabado todas as facções politicas e que os liberaes deveriam viver pacificamente sob a mesma bandeira e gosando todos da vantagem do actual regimen, e louvando tambem todos os actos do governo, que já não pôde ser influenciado pelos frades.

Tal não acontece, como todos nós sabemos. E tambem sabemos, qual é o triste estado da nossa nacionalidade e quantos factos, dignos de censura ahi tem causado a politica. Falla-se na influencia dos frades nas localidades e no paiz. E não se falla, nas desuniões da sociedade e das familias e de muitas desordens causadas por essa politica desmoralisadora, e por uma desmoralisadora imprensa e pelos exemplos perniciosos, que ahi estão dando os individuos, collocados na alta politica cujos actos dariam logar a uma serie de historias vergonhosas e proprias para nos desacreditarem, perante as nações, onde ainda a justiça e a honradez não são umas puras ficções.

*
* *

Parece-nos comtudo, que podemos afoutamente afirmar, que a influencia dos frades na politica não era tanta, como os seus detractores querem dizer. Era, talvez, nenhuma; ou pelo menos nunca foi tal, que desse motivo para a extincção das ordens religiosas. A historia e o proprio viver dos frades justificam esta asserção.

Não teriam tempo nem desejos de se dedicarem á politica, homens, que ainda antes do romper da aurora tinham obrigações a cumprir e a quem essas obrigações tomavam o tempo até muito depois das nove ou dez horas da noite, havendo apenas, uns pequenos intervalos para o descanso, para as refeições e para um quasi indispensavel recreio.

Muitos conventos eram em sitios despovoados. Outros eram em povoações muito pequenas. Ahi não tinham nem podiam ter os frades occasião de terem influencias politicas nem tinham a quem fanatisar.

Os frades, que viviam em conventos, existentes nas cidades e nas villas mais populosas e importantes, não podiam ter uma tão grande influencia, como os detractores d'elles querem apregoar. Os influentes locaes haviam de concorrer para annullarem a influencia monastica e o poder auctoritario, que sempre existe nas terras, capitaes de qualquer autonomia administrativa, militar, ou judicial, não podiam deixar de obstar aos abusos, de que, n'esta

parte, tanto accusam os habitadores dos mosteiros.

*

A Carta constitucional já lhes havia tirado o direito de terem voto nas eleições politicas. Proclamada a primeira constituição em 1822, fizeram-se as eleições de deputados. E não consta, que os frades houvessem influido na decisão d'ellas.

Nas eleições, que se fizeram depois de proclamada a *carta* pela primeira vez, (1826), tambem por mais que se compulse a historia não se vê, que os frades tivessem andado feitos galopins eleitoraes.

Expulsos em 1834, já elles não estavam incursos no Artigo 65 da mesma Carta. Eram cidadãos, como outros quaesquer. Pois, apesar d'isso, ninguem os viu andarem a pedir votos nas primeiras eleições nem se apresentaram junto das urnas, para estorvarem os eleitores.

Elles de votos politicos nada queriam saber, então. E ainda por muito tempo, só lamentavam, que os poderes publicos lhes não tivessem permitido continuar a cumprir as obrigações dos seus votos monasticos.

E esta é a verdade, por que de votos politicos só tratariam então aquelles frades, aquelles (egressos) que não tinham escrupulos de haverem calcado e despresado os votos, que haviam feito, quando tomaram os habitos e quando disseram adeus ao mundo e ás suas vaidades.

Não eram os verdadeiros frades os que se importavam com votos politicos. Eram os discolos; os devassos; os que haviam professado contra vontade, ou d'isso se haviam arrependido; eram os que desejavam a mudança da forma do governo e a expulsão dos seus collegas conventuaes, para mais á vontade e fóra do jugo monastico, poderem dar largas a seus genios extravagantes e a seus desejos sensuaes e intransigentes.

E estes individuos eram, quasi todos os que não podiam nem deviam ser permittidos nas casas conventuaes. Ora soffrendo justos castigos, ora obrigados a transferiram-se para diversas casas; ora suspensos de exercerem as suas ordens; ora considerados como relapsos, tratavam com desprezo os seus superiores e escarneciam de *seus irmãos*, que desejavam cumprir com rigor os votos, a que se havia ligado.

Bem sabemos, que alguns, ainda que muito poucos, seguindo e defendendo ideias contrarias aos d'aquelles que desejavam a mudança do governo, usavam ás vezes de uma linguagem acre e de umas phrases, proprias de quem tem uma grande exaltação de espirito e um grande entusiasmo por certos principios.

Mas os abusos, commettidos por alguns individuos de uma classe, não devem ser motivo, para que sejam castigados todos os que á mesma classe pertencem ou tem pertencido.

Se assim fóra, ha muito deveria ter acabado entre nós o systema representativo, visto que os deputados, em plena reunião da camara, teem se insultado, ameaçado e desafiado; teem quebrado carteiras; teem-se dirigido mutuamente improperios e sarcasmos e teem praticado actos, que nos envergonham, como nação culta e a respeito dos quaes será melhor não fallarmos.

E por isso passaremos a outra materia.

UM CATHOLICO

SECÇÃO CRITICA

Nada

Tal epigraphe, tal escripto :
«tudo se parece com seu dono,
até a tranca da porta.»

No que hoje vamos apresentar com relação a 1640, nem por sobras pretendemos offender a nobre e valente Hespanha, mas tão sómente lembrar aos espiritos mornos o heroico patriotismo do Dr. João Pinto Ribeiro, confidente do Duque de Bragança,—depois João IV,—assim como o de seus denodados confrades ou adeptos:

«D. Antonio Telles—D. Francisco de Souza—D. Alvaro Abranches—D. Fernando Tello e Faro—D. Thomé de Noronha—D. Antão Alvares da Cunha—D. João de Salles Menezes—D. Francisco Coutinho—D. Manuel Childe Rolim—D. Jeronymo d'Atahyde—D. Antonio de Mascarenhas—Conde d'Atouguaia—D. Francisco de Noronha—D. A. Luiz de Menezes—D. Carlos de Noronha—D. Antonio da Costa—D. Rodrigo de Menezes—D. Antonio d'Alcaçovas—D. Miguel d'Almeida—D. João da Costa—D. Antão d'Almada—D. Luiz d'Almada—Gomes Freire d'Andrade—Pedro de Mendonça—D. Gaspar de Brito Freire—Tristão d'Atahyde—A. de Mello e Castro—Luiz da Cunha Atahyde—Jorge de Mello—L. Godinho Benavente—Luiz de Mello—João de Saldanha e Souza—A. Ayres de Saldanha e Souza—A. Ayres de Saldanha—Thomé de Souza—Estevão da Cunha—Manuel de Mello—Francisco de Sampaio—F. Telles de Menezes—Luiz de Mello—Antonio de Saldanha—Nuno da C. Atahyde—M. Afonso de Mello—S. Dias de Saldanha—Torquato Sanches—João Saldanha da Gama—Bartholomeu de Saldanha—Tristão de Mendonça—Fernão Telles—Affonso Gomes—Luiz de Mendon-

ça—A. Telles da Silva—Gil Vaz Lobo—Affonso Mendes—Jordão de Barros e Sá—P. Bernardo da Costa—e P. Nicolau Maia.» Esta ennumeração fazemos para que todos fiquem sabendo os nomes de tão audazes como intrepidos heroes.

Assim como ha homens justamente apaixonados pela familia, d'onde sae o bom ou o mau cidadão, e até por amigos dedicados, assim tambem os ha pela patria: e Pinto Ribeiro foi um dos mais estrenuos e insignes do seu tempo.

Eis aqui uma amostra dos seus excitantes e patrioticos discursos:

«Portuguezes! Sessenta annos de escravidão não teem sido suficientes para vos acordar do lethargo em que tendes permanecido? Um jugo de sessenta annos não tem accordado em vós s sentimento de liberdade dos filhos d'Affonso Henriques? Que novos males aguardaes, conquistadores da India?... Acaso tendes medo dos hespanhoes, vós que sois portuguezes?! Se tal é... á fé que não merecis o nome de luzitanos!

Quereis deixar na mão d'usurpadores uma terra que tanto sangue custou a vossos paes, tanta lagrima a vossas mães?... Accordae, filhos de Portugal; levantae vossos braços de ferro, e lançaes fóra aquelles que vos opprimem! Armae-vos com o amor da vossa patria, escudae-vos com a coragem que jamais faltou aos exterminadores dos moiros, e nunca sereis vencidos! Eu vol-o prometto!»

Era assim que João Pinto Ribeiro fallava n'um salão d'abobada na noite de 27 de Novembro de 1640: e, perante uma falla d'estas, tudo sente escaldar-lhe as veias o fogoso sangue de D. Nuno Alvares Pereira, d'aquelle que um dia, como Pinto Ribeiro, disse á sua gente, «com palavras mais duras que elegantes, arrancando da cinta meia espada:

Eu só, com os meus vassallos e com esta, Vencerei, não só estes adversarios, Mas quantos ao meu rei forem contrarios!»

E por isso, ó luzos, praza ao eu que não seja necessario; mas se o fór... lembrae-vos da batalha do Ameixial, aonde o conde de Villa-Fiôr, a uma legua d'Evora, dando combate a D. João d'Austria, commandante do inimigo, a 8 de Maio de 1663, lhe fez esquecer no campo 4 mil mortos, 6 mil presioneiros, toda a artilheria e 1:400 cavallos!

Da de Montes Charos, aonde o marquez de Marialva com um exercito de 15 mil homens de pé, 5:500 de cavallo e 20 peças d'artilheria, derrotou o marquez de Caracena que deixou no

campo 4 mil mortos, cerca de 6 mil prisioneiros, 3:500 cavallos, toda a artilheria, e perto de 100 bandeiras ou estandartes a 17 de Junho de 1665, sendo o seu exercito composto de 15 mil peões, 7:600 cavallos e 14 peças!

Da de Castello Rodrigo, cuja praça guarnecida apenas por 150 soldados, se achava sitiada por 4 mil de pé, 700 de cavallo e 9 peças, sob o commando do duque d'Ossuna, a quem o general Pedro Jacques de Magalhães, que o atacou inesperadamente com 2:500 de pé, 500 de cavallo e 2 peças, fez perder quasi todos a 7 de Julho de 1664, o que vendo o duque se escapou desfargado para tambem não ficar!

Da de Campo d'Ourique, ganha com grande vantagem por D. Affonso Henriques a 25 de Julho de 1139!

Da do Bussaco, aonde o general Massena, aquelle que um dia, accusado de *larapio* por Napoleão em presença d'outros generaes, respondeu: «Sim, meu general: Eu sou ladrão, tu és ladrão, elle é ladrão, nós sômos ladrões, elles são ladrões, foi derrotado pelo exercito anglo-luzo a 27 de Setembro de 1810!

E, finalmente, alem d'outras, da de Aljubarrota dada a 14 d'Agosto de 1385, aonde a victoria luzitana fez correr arroyos de sangue!

Mas mudemos de tom e prosigamos n'outro sentido:

Se Pedro I como rigoroso, Egas Moniz como Leal, Pombal como grande economista, José I... como tolerante, João de Castro e Vasco da Gama como desinteressadissimos e verdadeiros patriotas, Affonso d'Albuquerque como intrepido conquistador, Luiz de Camões como cantor das maiores façanhas portuguezas, etc. etc., hoje, por cantados momentos e permissão divina, surgissem do pó das escuras vallas aonde dormem, e vissem o que por ali vae, exclamariam attonitos:

«Aonde estão os teus homens d'outros tempos, ó desgraçado Portugal!... Aonde está a tua honestidade, o teu heroismo, a tua sinceridade, o teu patriotismo, a tua integridade, o teu catholicismo, a tua moralidade d'outras eras?... No liberalismo infrene, na licença para tudo ou progresso para o mal, ou na multidão de estatuas que te exorna... parte d'ellas com tanta razão de ser como a de José Estevão, cujo merito real era a prompta bacharelise?... «Obras, que palavras não», disse o auctor dos *Luziadas* um dia; e toda a gente sabe que muito «palram pega e papagaio.»

«Agora quanto a patriotismo, *no hay que decir*, porque o celeberrimo *Fron-tão*, vulgo *Amor da patria*, de mais traduz o sentimento dos patrioticos

hodiernos, visto que todos fallam d'elle com tanta franqueza como desdem, com tanta ironia como chocarrice!»

E tal dizendo, se subterrariam outra vez no fundo das suas gelidas sepulturas... cheios de vergonha e transidos de horrído espanto pelo que ouviam e viam, deixando-nos de bocca aberta, assim como nós tambem vamos desaparecer aos olhos do leitor... desenganado já de encontrar um artigo regular que, ao vêr o nosso «Nada», certamente julgou achar.

Mas não, não será este o fim do nosso pobre escripto, porque não costumamos despedir-nos tão seccamente, e por isso mais duas palavras para terminar:

A vida é curta, mas o ceu está muito alto; para lá chegar, é preciso ter azas; para as ter, é necessario adquirir-las; para as adquirir, é preciso fazer por ellas... «dando a Deus o que é de Deus, e a Cezar o que é de Cezar.»

Os americanos erraram muito: *Erraram*, porque não seguiram nem seguem este sublime pensamento do Martyr do Golgotha; *erraram* por se quererem metter na casa alheia, e *erraram* por imaginar que o dono a abandonaria á primeira investida.

Ninguem esperava tal *sem razão* da America, tal selvageria d'aquelles que hoje estavam sendo olhados com certo respeito e consideração pela maior parte do mundo liberal, que d'ora avante os não poderá ter pelo que apparentavam.

«O peixe grande come o pequeno», dizem elles algures: e com que direito? perguntamos nós! Naturalmente ignoram que ha no mar alto um pequeno peixe de 15 a 20 centímetros o maximo, chamado *pegador*, que dá que fazer aos grandes, o que admira n'um povo instructo, porque toda a gente o sabe.

Que aos dois amigos—Peixe grande e John Bull—um dia não venha a succeder peor mal que o que hoje desejam aos filhos de Iberia, é o que sinceramente almejamos.

Honra aos hespanhoes, que forcejam por adquirir azas! E oxalá que elles nunca tivessem pelejado com menos causa, nem venham a pelejar!

Honra á valente Iberia!

Viva a intrepida Hespanha!

«A Deus o que é de Deus, e a Cezar o que é de Cezar!»

ALVES D'ALMEIDA.

Biblia

(Continuado de pag. 148)

ECCE HOMO. Cuidando Pilatos que o povo perdoaria a Jesus ao vel-o no es-

tado em que lh'o apresentava, depois de açoitado, disse: «*Ecce homo*: eis aqui o homem». Mas os judeus, instigados pelos grandes, lhe responderam: Crucifica-o, crucifica-o!»

Então Poncio, vendo que não havia meio de o salvar, lh'o entregou e elles o fizeram conduzir ao Golgotha, fóra das portas de Jerusalem, aonde o crucificaram entre Dymas e Geth, ou entre o bom e o mau ladrão. V. *Poncio Pilatos*.

ECCLEZIASTES. Escripto de Salomão. Começa por: «Vaidade de vaidades, e tudo vaidade,» e termina por: «Oicamos todos juntos o fim d'este discurso: Tem-me a Deus e observa os seus mandamentos, porque isto é o tudo do homem. E de tudo quanto se fizer e disser, fará Deus dar conta no juizo.»

EDEN. Sacerdote filho de Joab da linhagem de Jerson. Assistiu com seu pae á purificação do Templo nos começos do reinado de Ezequias.

EDEN. Paraíso terrestre, lugar aonde Deus pôz o primeiro homem. V. *Gehon*.

EDNAS. General de Jozaphat Rei de Judá. Teve 300 mil homens ás suas ordens. Além d'isto havia o principe Joanam que tinha 280 mil, o general Amazias que tinha 200 mil, o principe Eliada que tinha 200 mil, e Jozabeth que tinha outros 200 mil, total 1.180:000 homens que Jozaphat tinha em armas.

EDOM ou IDOM. E' Ezaú. Foi assim chamado por ter vendido a sua primogenitura a seu irmão Jacob por um prato de cosinhado vermelho ou de lentilhas.

EGEU. Eunuco guarda das mulheres de Assuero.

EGLON. Rei de Moab. Israel o serviu 18 annos. V. *Aod*.

ELA. Filho de Baaza. Succedeu a seu pae no throno d'Israel no anno 26 de Aza Rei de Juda. Foi seu reinado uma série de crimes, que apenas durou 2 annos, porque Zambri seu servo o matou, tendo subido ao throno em seu lugar. V. *Zambri*.

ELAM. Filho de Sem, filho de Noé. Teve mais 3 irmãos: Assur, Arfaxad e Lud.

ELCANA. Filho de Jeroboam, filho de Eliu. E' o pae do propheta Samuel. V. *Samuel*.

ELEAZAR. Irmão de Judas Maccabeu. Morreu em combate debaixo d'um elephante que arrojadamente matou, mettendo-se por baixo d'elle, cuidando que Antioco o montava. V. *Judas Maccabeu*.

ELEAZAR. Filho de Isabel e de Aarão irmão de Moysés. Succedeu a seu pae no sacerdocio.

ELECTA. Discipula do tempo de S. Paulo. Foi uma das mais dedicadas ao apostolado, como mulher.

ELIAB. Filho de Jêsse ou Izai, filho

de Obed, filho de Ruth e de Booz. Teve mais 3 irmãos: El-Rei David, Aminadale e Samma.

ELIACIM. Filho de Helcias. Foi mor-domo-mór de Ezequias Rei de Judá.

ELIAS. Propheta de Thesbe. Tendo Accab Rei de Israel seguido o caminho de Jeroboam e de seu filho Nadab, Deus lhe mandou dizer pelo seu servo Elias, que trataria a sua casa com mais rigor do que havia tratado a de Jeroboam; porque, aquelle que da casa d'Acab morresse na cidade, seria comido pelos cães, e o que no campo, pelas aves do ceu: o que veio a succeder. V. *Jezebel*.

—E' tão conhecido o nome d'este Propheta que nos não cançaremos a fallar d'elle.

Elle é o que, sem fogo natural, fez arder um holocausto em presença d'Acab e de todo o Israel; elle o que operou quantos milagres quiz; elle, finalmente, o que junto ao Jordão, subiu a Deus em corpo e alma diante de Elyzen e de quantos o quizeram vêr. V. *Sacerdotes*.

ELIAZIB. Summo Sacerdote do tempo de Nehemias, que foi o psimeiro governador de Jerusalem depois do captiveiro de Babylonia. Foi um dos principaes encarregados da reedificação da cidade santa, bem como Zaccur e outros.

ELIBOREPH. Filho de Siza. Foi secretario de Salomão.

(Continua.)

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

2.ª PARTE

XVIII

As Trindades

Ao ser dia, em todo o tempo,
Toca o sino brandamente,
E diz claro, para o crente,
Que são horas d'oração:
E nos falla ao pensamento,
As ideias relembrando
Do prologo venerando
D'esta santa religião.

E parece por encanto
Estes labios nos agita
Esta oração bendita
Dos anjos para dizer;
Ave, estella matutina,
Bella aurora d'alegria,
Ave, ditosa Maria,
Ave, bendita mulher.

Sois de graça toda cheia
E o Espirito Santo veio
Operar no vosso seio
A divina encarnação:
Confessando-vos escrava
O ceu disse-vos Rainha,
Onde o esplendor se aninha
Da esplendente criação.

E, pairando assim a mente
Na luz d'esses horizontes,
Vemos mares, rios, montes
De ventura e perfeição:
E encaramos do trabalho
As fadigas temerosas,
E topamos n'elle rosas,
Onde muitos, afflictão.

E chegado o meio dia
Outra vez o sino toca,
E de novo já se invoca
Vosso auxilio, santa Mãe:
Repetindo esses cantares
De perennal alegria,
Que da noite fazem dia,
Onde a crença christã vae.

E, onde quer que nos tope,
A' sonora voz do sino,
Um não sei que de divino
Sente o nosso coração:
E prestando reverencia
A lembrança do mysterio,
Buscamos o refrigerio
Da catholica oração.

Edifica ver na feira
Apenas o sino toca
Em silencio que se troca
A algazara e confusão:
E que todos reverentes
Deixam lidas e contratos,
E devotos, como gratos,
Relembra a Redempção.

E mais inda lá no campo
Nos consola e edifica
Ver parado, como fica,
Todo erente lavrador:
Param os bois em o rego
E quem lavra descoberto,
Juntos os seus em concerto
Louvam todos ao Senhor.

E, cessando no trabalho,
O descanso e o alimento—
Vão buscando, complemento
Das delicias do dever:
Tornam depois ás fadigas
Animosos e contentes
Tão singelas estas gentes,
Que trabalham com prazer.

Tange o sino novamente
Ao terminar essa lida,
Essa lucta pela vida
Nas fainas do labor:
E de novo se levantam
N'esse affecto e pensamento
Procurando novo alento
D'outra vida superior.

E' tão bello na cidade
Em passeios, praças, ruas
As cabeças ver que nuas
Se inclinam com devoção:
Porque relembra os sinos
Nos seus echos mysteriosos
Honra, timbre e altos gossos,
Que nos trouxe a Redempção.

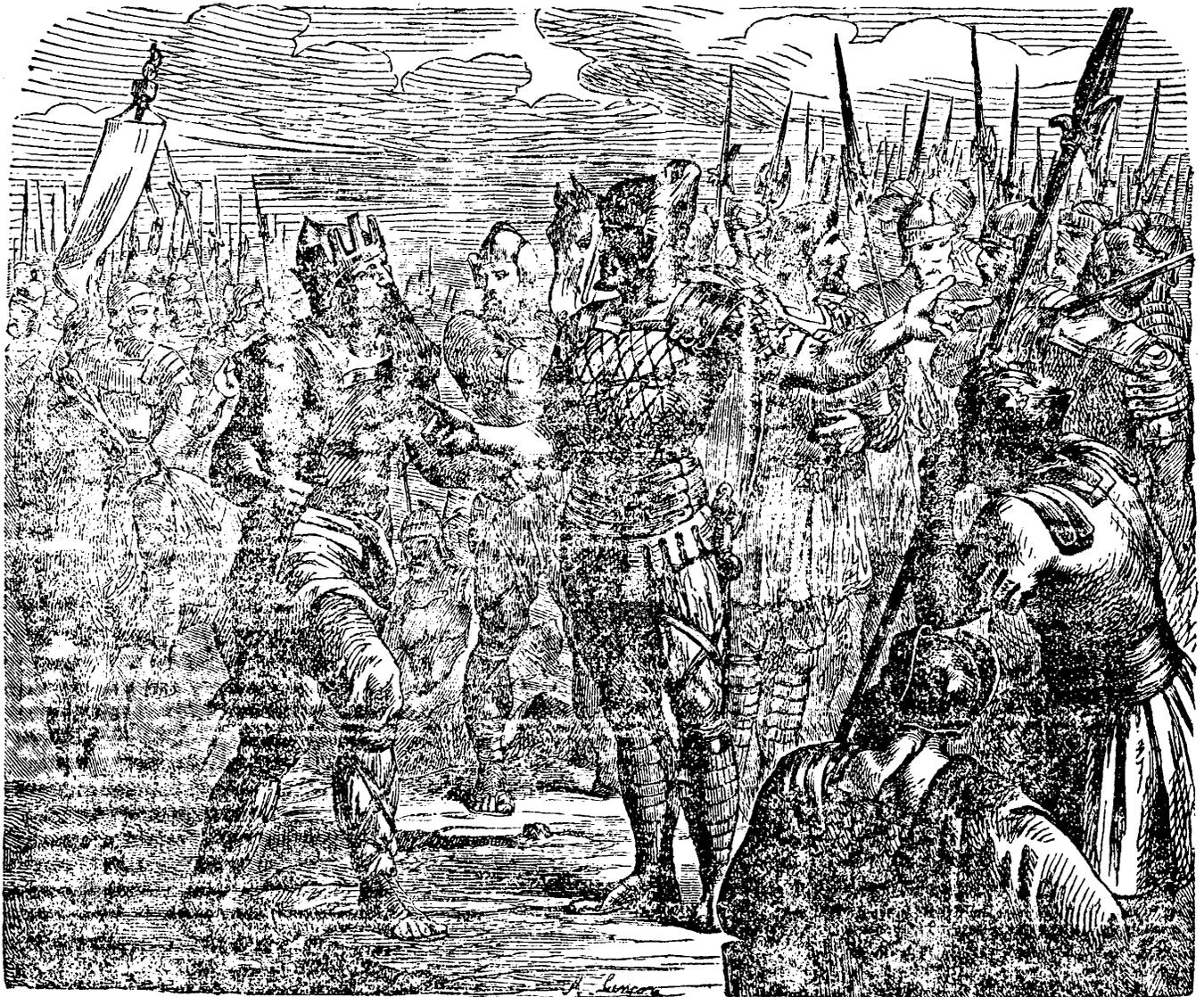
Na religião as delicias
Tão sublimes são e tantas,
Que não pode dizer quantas
O mais habil trovador:
São ellas o paraizo,
Que Jesus nos conquistara,
A mais fulgida e preclara
Expressão do seu amor.

DR. JOSÉ RODRIGUES COZGAYA.

Perfil

AINDA eu era creança e já via entre vultos gigantes e imorredouros um vulto tão sympathico que na ingenuidade da minha idade infantil perguntei: quem é aquelle sacerdote que estava em S. Francisco a administrar o lavatorio ás meninas da communhão? E', me disseram, de Felgueiras. Aquelle dia tão festivo passou, mas nunca desapareceu da minha memoria assim como nunca mais vi o sacerdote que tão gratas impressões causou na minha alma de criança, sem contudo deixar de ouvir pronunciar seu nome com respeito e veneração. Mais tarde tive a felicidade de o conhecer pessoalmente. Então, já não como criança, o contemplei detidamente podendo fixar bem na minha mente todos os traços característicos da sua physionomia. Era d'altura regular e delgado; feições correctissimas que bem mostravam a pureza da sua alma angelical. Tinha um trato fino e não havia uma só pessoa que não gostasse d'elle. Depois ouvi-lhe uma pratica, cuja doutrina muito me elucidou a minha consciencia. Mais tarde tive a ventura de assistir a uma missão onde elle fazia as praticas da manhã e algumas missões da tarde. Oh! ainda me lembro da unção das suas palavras acompanhadas pelo exemplo d'uma vida sem mancha! Oh! ainda me lembro das innumeradas pessoas que affluíam a seus pés para receberem consolações divinas com a absolvição dos seus peccados! A ternura da sua voz ao expôr a doutrina sublime de Jesus tinha tal magnetismo que desejava ouvir-se á custa de sacrificios, e fazia lembrar a caridade com que Jesus pregava ás turbas. Abraçou a vida evangelica e pregou em diferentes partes luctando em algumas, com grandes sacrificios.

Era o ideal d'este sacerdote digno e missionario zeloso, cathequizar crianças para a primeira communhão. Era ideificante vel-o com o rosto tão sereno e meigo como o dos anjos do empyrio a acariciar as crianças e instruil-as para a primeira communhão. Ao vel-o assim rodeado da infancia, fazia-me lembrar a doçura do divino mestre quando dizia: «Deixae que os meninos se cheguem a mim». Levou até ao extremo a sua caridade apostolica querendo e chegando a ir em caminho da India para lá se dedicar ás missões; mas a fraqueza de que physicamente era dotado e as saudades da familia que extremecia, não o deixaram, mau grado seu, cumprir tão altos e nobres desejos. Mas, quem sabe? os designios de Deus são impenetraveis e em Portugal tambem era muito preciso esse



RECENSEAMENTO D'ISRAEL

apostolo de Deus votado só a defender a sua causa e a trabalhar em prol da humanidade. Elle, este atheleta de Christo, d'aquí tão longe, era e é ainda um advogado poderoso dos Chinezinhos e de todas as crianças infieis a cuja causa se votou a defender e propagar d'alma e coração, augmentando, devido ao seu zelo, o cofre dos meninos infieis. Oh! quantas almas elle enviou ao céo são outros tantos anjos que o acompanharão ao paraizo onde Jesus já ha muito, segundo creio, lhe tem um logar reservado! Quanto lhe deve a associação da Santa Infancia! Quantos trabalhos, quantas fadigas não supportou este benemerito obreiro do Senhor para propagar esta associação tão santa como sympathica?! Elle pregava em diferentes freguezias, ensaiava meninas para dialogos, cujo producto revertia em favor das criancinhas pagãs. E hoje este ministro de Jesus ainda trabalha tanto, ou mais do que as suas forças lh'o permitem no bem das

almas, a quem dispensa uma caridade e zelo excepcionaes, entregando-se ao confissionario a administrar a primeira communhão aos meninos e a pregar e a desempenhar com rigoroso escrupulo a sublime missão do seu nobilissimo ministerio, sendo o verdadeiro sacerdote a quem pobres e ricos respeitam e estimam, admirando a firmeza do seu nobre character, a pureza da sua vida angelical, ouvindo-se de todos os labios ao pronunciar nome tão respeitabilissimo e aureolado com tantas virtudes, esta phrase: é um santo.» D'estes sentimentos estou eu dominada desde criança, e hoje que tão de perto o conheço podendo asseverar que depois de Deus é a quem mais devo neste mundo, tambem digo com convicção: é um santo. Oh! não me atrevo a proferir-lhe o seu distincto nome; mas o que eu não posso deixar de dizer é que Deus se digne prolongar existencia tão preciosa por inumeros annos e que flor tão mimosa e de tão

pura e suave essencia não murche entre os homens, a quem serve de salvaguarda nos mil perigos que a cada passo nos acomettem por entre a escabrosa senda da vida. Eis os meus ardentes votos.

M. M.

— — — — — O INVERNO

(Inedita)

(Ao meu estimavel amigo o Snr. Luiz Pinto

I

Já o inverno chegou! E que tristeza se vê agora!—Em toda a natureza, ha estragos e horror!—
Catadupas, dos montes elevados, impetuosas descem sobre os prados com horrído fragor!

A's vezes minha vista estendo ao largo!
E a natureza toda n'um lethargo me parece dormir!

—E, nos campos, a neve, que se espalha, me faz lembrar só candida mortalha os campos a cobrir!—

Os campos já perderam seus verdores!
O jardim já não tem mimosas flores!
Tudo a neve queimou!
Já os ramos das arvores, despídos,
e alguns troncos robustos, já caídos,
o inverno nos mostrou!

Grato arroyo, que, em seu murmúrio brando,
no estio nos parece estar fallando
de ternuras e amor,
quasi n'um rio alem se transformára
e as formosas campinas alagára
com impeto e furor!

II

Por alta noite, os pinheirões fechados,
pelos ventos parecem—agitados
tristes canções gemer,
que só da morte lembram os horrores
ou de um precito lembram os clamores,
condemnado a morrer!

Vão o gelo cobrindo os altos montes.
Depois as névoas cobrem horizontes!
E a chuva cáe do Ceu!
Dos leitões saem rios candalosos!
E sibilam os ventos furiosos!
—E' medonho o escarceu!—

Já os rios arrastam arvoredos,
azenhas, pontes, diques e penedos,
pelos campos além!
—Destróe medas e campos semeados
e córtes derribou, levou telhados...
um cyclone também!—

Nuvens cobrem o Ceu, caliginosas.
E caem saraivadas furiosas,
e sopra o furacão.
E nos mares horrisona procella
já de repente as ondas encapella!
—E' tudo confusão!—

III

Mas, nas ondas, que vejo! Um lenho fragil,
onde em vão lucta um timoneiro agil,
sempre o leme a reger!
Dos marinheiros se ouve a gritaria!
—E, com estrondo... além... na penedia
o lenho foi hater!..—

Um naufragio! Meu Deus! Que triste sorte
a d'esses infelizes! Cruel morte
ali vão encontrar!
Não se abranda dos mares a fereza!
—E d'esse quadro a vista com presteza
devemos affastar!—

IV

Mas do raio o clarão além se vira!
Outro proximo veni! Outro os seguira!
E parecem então,
que vem ameaçar-nos com a morte!
O fraco estremeceu! Já teme o forte!
E ribomba o trovão!

Eu vejo agora um outro quadro triste!
um raio além caiu! Nada resisto
ao seu igneo furor!
—Uma familia é morta! Outra, assombrada!
Outra, que tem a habitação queimada,
de fome vão morrer!—

Tambem da tempestade a furia insana
o albergue do mendigo e uma choupana
de um pobre destroçou!
As crianças e os velhos choram, tremem
e, com horrivel frio, todos gemem!
—E a fome os assaltou!—

V

O sól mostrar táes quadros não quizera.
Escondeu seu clarão!—E quem poderá
vel-os e não chorar!—
Anoiteceu!.. A lua vem agora
pálida e triste!—Tambem ella chora
táes quadros a mostrar!—

Mais além uns espessos nevoeiros
vão cobrindo as campinas e os outeiros!
E fogem do covil,
pelo frio, alguns lobos acoissados,
que, das montanhas, descem esfaimados
e attacam o redil!—

Espesso véu de nuvens cobre a lua,
que=solitaria=en negro Céu fluctua
e agora convidar,
como na Primavera com fulgores,
não pôde os maviosos trovadores,
para a virem cantar!

VI

Agora as fontes são mais abundantes!
Chega a noite! Apoz rápidos instantes,
d'algumas transformou
as aguas em crystaes o intenso frio!
—E, por causa do gelo, um brando rio
no seu curso parou!—

Os lagos também vejo transformados
n'um crystalino espelho! Dos telhados
e dos troncos, além,
pendem ás vezes lustres, que reflectem
brandos raios do sol, que os não derretem
nem aquecem ninguém!

As aves já não soltam cantos ledos.
Só, alta noite, causa espanto e medos
dos mochos o piar.
Esvoaçando as aves agoureiras,
quando se esconde o sól, pelas clareiras
nos vem logo aterrar!

Mas nos gelos, nos ventos, na tristeza
que em toda a parte mostra a natureza
eu sempre respeitei
o immenso poder da Divindade,
que á flôr, á briza, ao mar, á tempestade,
ditar quizera a lei!

(Aveiro)

RANGEL DE QUADROS.

O CORAÇÃO DE JESUS

O' Jesus, nossas preces sinceras
te enviamos com puro fervor.
Despresal-as Tu nunca poderás;
é teu bom coração todo amor.

Por nós todos, Senhor, foi aberto
sobre a cruz o teu bom coração.
E, por isso, uma fonte bem perto
sempre temos de amor e perdão.

E' teu bom coração viva chamma
por quem sabe por Ti padecer.
Humilhados precitos sempre ama.
Tu por elles quizeste morrer.

Essa chamma de amor não se apaga
e tem sempre em remate uma cruz,
que nos falla da mystica plaga,
onde sempre a verdade reluz.

E na cruz a teu Pae Tu pediste
para tantos algozes perdão.
—Teu amor, quando Tu nos remiste
era ardente no teu coração!—

Bom Jesus, Tu enxugas os prantos
a quem sempre o teu nome invocou,
e no teu coração só encantos,
na pureza da vida, encontrou.

E' de graças a fonte mais pura
o teu bom coração, ó Senhor.
Sempre n'elle achar pôde a ventura
o que tem pelas crenças amor.

São ingratos, Jesus, os teus filhos,
que despresam o teu coração,
e só querem amar falsos brilhos
d'este mundo, que é todo illusão.

Mas no teu coração a verdade
para todos os crentes brilhou.
—Foste grande, Jesus, na humildade,
que o teu bom coração sempre amou!—

(Aveiro)

RANGEL DE QUADROS.

SECÇÃO HISTORICA

O veneravel Padre Simão Rodrigues
de Azevedo, jesuita

(15 DE JULHO DE 1579)

ESTE varão apostolico, fallecido a 15
de julho de 1579, foi um dos pri-
meiros discipulos de Santo Ignacio de
Loyola. Nasceu em Vouzella, diocese
de Vizeu, e estudava em Paris quando
o santo fundador da Companhia de
Jesus o chamou para o seu novo apos-
tolado.

Como todos os seus companheiros,
Simão Rodrigues possuia as mais bel-
las qualidades do coração e do espirito,
e como elles estava animado do maior
enthusiasmo para trabalhar na santa
causa que emprehendia o seu mestre.

O Padre Simão Rodrigues de Aze-
vedo foi também o primeiro jesuita
que, na companhia de S. Francisco
Xavier, veio a Portugal quando el-rei
D. João III estabeleceu n'este reino
aquella Ordem religiosa. Elle foi o pri-
meiro provincial da Companhia em
Portugal.

Era então agente diplomatico e em-
baixador portuguez em Roma no insigne
D. Pedro de Mascarenhas. Affirmam
alguns auctores que foi a instancias
d'este fidalgo que o monarcha portu-
guez introduziu em nosso reino os je-
suitas.

Outros dizem que D. João III tomou
esta resolução por si mesmo, depois
de ter conhecimento das sublimes vir-
tudes dos filhos de Ignacio, cuja fama
voava então por todo o mundo.

E' certo que o rei de Portugal se
empenhou na aquisição de alguns Pa-
dres, discipulos de Ignacio, e para este
fim escreveu ao seu embaixador em
Roma, rogando-lhe que pozesse todo o
seu cuidado em alcançar o que preten-
dia, pois que desejava cathechisar as
suas conquistas da India e Africa.

D. Pedro de Mascarenhas deu muito
boas informações ácerca dos jesuitas,
e tratou de arranjar o negocio da sua
vinda a Portugal com Santo Ignacio e
com o Pontifice Paulo III.

Vieram, pois, os dois: Simão Rodri-
gues de Azevedo e S. Francisco Xa-
vier, o futuro Apostolo das Indias.

Já se vê que tanto o rei como o em-
baixador andaram perfeitamente intro-
duzindo em Portugal a maravilhosa

Companhia de Jesus, baluarte imperterritito da fé catholica, odiada e perseguida por todos os impios e hereges.

De passagem notarei que certos auctores, quando dos jesuitas se occupam, quasi sempre mettem os pés pelas mãos... que Deus nos acuda!

Voltemos a fallar de Simão Rodrigues de Azevedo.

Quando este humilde religioso chegou a Lisboa, o rei offereceu-lhe esplendida hospedagem. Não quiz, porém, acceital-a, respondendo: «Os discipulos de Ignacio costumam agasalhar-se nos hospitaes, onde se sustentam das esmolas que pedem pelas portas.»

El-rei e todos os grandes da côrte, bem como geralmente toda a gente, receberam os nossos apóstolos, Xavier e Rodrigues, com a veneração devida ás suas virtudes, e admiraram a sua humildade, abnegação e zelo religioso.

As prégãos dos dois jesuitas em Lisboa transformaram por completo aquella cidade; não se pode descrever o fructo copioso que resultou das suas missões.

Existe uma carta de S. Francisco Xavier ao seu mestre em Roma, na qual relata a mudança operada nos costumes, em Lisboa, por meio dos dois religiosos da Companhia.

Porque os seus sermões não se compunham de historias profanas e fabulosas, nem de questões subtis de theologia, nem eram adornados de flores rhetoricas, nem d'uma linguagem sublime e inintelligivel, mais poetica que prosaica, como se costuma dizer. Eram discursos puros, simplices, evangelicos, dignos de varões santos.

O jesuita Simão Rodrigues foi, como já fica dito, o primeiro provincial da Companhia em Portugal.

Tinha todas as virtudes de um verdadeiro religioso; recusou o bispado de Coimbra que lhe foi offerecido; missionou algum tempo no Brazil; foi provincial no Aragoão; e finalmente falleceu na casa professa de S. Roque, em Lisboa, a 15 de julho de 1579. Tinha 70 annos de idade.

Não me consta que este famoso jesuita publicasse alguma obra; mas o seu nome é glorioso por ser o fundador da Companhia de Jesus em nosso reino, e por suas relevantes virtudes que lhe mereceram o titulo de *Veneravel*.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Santo Apolinario bispo e martyr

(Vid. pag. 157)

Foi Santo Apolinario o primeiro bis-

po de Ravenna; foi discipulo de Jesus Christo, e depois da sua gloriosa Ascensão, accompanhou S. Pedro a Antiochia, e ahi trabalhou sob a direcção do principe dos Apóstolos, accompanhando-o depois para Roma.

Foi então que S. Pedro o sagrou bispo, e o enviou para Ravenna. Bem sabia o novo bispo que ia lidar com um povo idolatra, e feroz, mas isso mais o alegrou, porque o seu maior desejo era soffrer o martyrio pela fé de Jesus Christo.

Logo ao entrar da cidade, encontrou um cego que lhe pedia esmola, e o santo bispo deu-lh'a em abundancia, pois que fazendo-lhe, sobre a fronte, o signal da cruz, lhe restituiu a vista.

Um tribuno militar, sabedor d'este milagre, pede-lhe para ir ver sua mulher, que estava prestes a expirar. O santo accede ao pedido, pede ao Senhor pela enferma, e esta levanta-se e proclama que o Deus de Apollinario é o verdadeiro Deus.

Um outro pagão, chamado Refuso, a quem tinha fallecido a filha, obtem, por intermedio do santo bispo a sua resurreição.

Estes factos chegaram ao conhecimento do imperador romano, que mandou abrir devassa e obrigou o santo bispo a sacrificar aos idolos. Mandou-lhe depois applicar barbara tortura, despedaçando-lhe o corpo com açoites, e deitando-lhe agua a ferver sobre as feridas: Depois mandou-o exilar para a Grecia.

O navio, em que elle ia, naufragou, escapando elle só com trez ecclesiasticos e trez soldados christãos.

Voltou depois á Italia, converteu muitos pagãos, fez muitos milagres, sendo por fim espancado pelos pagãos, de que veio a morrer a 23 de julho do anno de 81, no imperio de Vespasiano, durando 29 annos o seu episcopado.

*

* *

Recenseamento d'Israel

(Vid. pag. 163)

Depois que Moysés desceu do Monte Sinai, ordenou-lhe Deus que fizesse o recenseamento dos filhos d'Israel.

Como o povo estava em vespuras de entrar em campanha, quiz Deus que se fizesse uma especie de revista, para que os chefes soubessem com quanta força podiam contar.

Convocada, pois, toda a multidão dos filhos d'Israel, assentaram, por ordem de tribus, quantos estavam em idade de pegar em armas, quer dizer quantos individuos havia desde os vinte annos para cima. Deu o recenseamento o seguinte resultado:

Tribu de Ruben, 46:500 combatentes; tribu de Semeão, 59:300; tribu de Judá, 74:600; tribu de Issachar, 54:400; tribu de Zabulon, 57:400; tribu de Ephraim, 40:500; tribu de Manassés, 32:200; tribu de Benjamin, 35:400; tribu de Dan, 62:700; tribu de Aser, 41:500; tribu de Gad, 43:650; tribu de Nephtali. Total 603:550 combatentes.

Não foram comprehendidos os levitas n'este recenseamento, porque não estavam sujeitos, como os outros, aos encargos do estado, e porque não tinham outras funções, senão as que se referiam ao serviço do tabernaculo.

NECROLOGIA



No fallecimento do meu presado amigo

José Luiz Vieira de Castro

MAIS uma campa foi aberta, para receber um cadaver! Mais uma pagina rasgada do livro da vida! Mais um ente querido, na flôr da juventude, arrebatado pelo anjo das sepulturas!

O Ex.^{mo} Snr. José Luiz Vieira de Castro, filho do dignissimo gerente da companhia carris de ferro do Porto, já não pertence ao numero dos vivos. Aquella intelligencia tão radiante, aquelle coração tão sensivel, aquella alma de tão nobres sentimentos, aquelle espirito angelico que convivia com todos, que transformava os indifferentes em amigos, desde o momento que convivessem com elle, tudo isso deixou de existir, porque o Eterno houve por bem chamar a si quem de tudo isso dispunha.

E seu excellentissimo pae ficou inconsolavel, porque extremosamente o amava, e era por elle amado. E seus irmãos não menos inconsolaveis ficaram, porque do coração amavam o fallecido, como companheiros inseparaveis que foram, como amigos que a natureza havia formado para nunca mais se separarem.

Mas a dura parca não teve contempiações. Menospresando o affecto que todos nutriam pelo finado, e que este dedicava a sua familia, mórmente a seu pae, em cujos braços expirou, menospresando aquella lucida intelligencia, porque o era, em toda a extensão da palavra, e que tão opimos fructos promettia, para o futuro, pois que contando o illustre finado apenas 22 annos já cursava distinctissimamente o 5.^o anno de mathematica na academia polytechnica, menospresando tudo, até os re-

curso da sciencia, que foram completamente baldados, deixou-o resvalar para o sepulchro.

Que nos resta agora, a mim, que era seu verdadeiro amigo, a tantos amigos que o finado tinha, á sua excellentissima familia que do coração o amava? Rogar a Deus por sua alma, e exparzir algumas petalas rociadas pelas lagrimas da saudade, sobre a sepultura onde jaz o corpo inanimado d'aquelle desditoso martyr, que tanto amou, e tanto soffreu.

E que Deus conceda que o balsamo da resignação seja o linitivo que possa suavisar a cruciante saudade de todos os seus.

A seu ex.^{mo} pae e irmãos, as ñossas sinceras condolencias, porque são as de um verdadeiro amigo.

A.

RETROSPECTO

A voz de Santo Antonio

Recebemos o n.º 18 do 4.º anno, 2.ª serie, correspondente ao mez de Junho d'esta excellente publicação mensal que vê a luz publica em Braga. Vem muito bem redigida, e publica cinco esplendidas gravuras, sendo uma d'ellas os missionarios franciscanos da Beira, abençoados pelo Nuncio de Sua Santidade.

A luz da divina graça

Achava-se ultimamente doente no hospital de Saragoça um protestante francez, muito conhecido n'aquella cidade. Agravou-se-lhe a doença, a ponto de lhe pedirem, no domingo da Santissima Trindade, que se reconciliasse com a Igreja catholica, recebendo os santos Sacramentos. Recusou-se com a antiga obstinação. Mas, vendo depois entrar na sala a Irmã encarregada de distribuir o pão pelos enfermos, acompanhada d'uma joven, que tambem fôra protestante e que o doente bem conhecera, mostrou desejos de lhe fallar. A joven aproximou-se do enfermo, contou-lhe que fora iniciada na religião catholica, e baptisada n'aquelle hospicio, e que vivia satisfeita com a sua nova religião, occupada em obras de caridade. Commoveram-n'o aquellas palavras, e derramando ardentes lagrimas, sentiu-se tocado da divina graça.

Pediui um confessor, abjurou os seus erros, recebeu os Sacramentos da Penitencia e Sagrado Viatico, e morreu na graça do Senhor, n'aquella mesmo domingo, ás nove horas da noite.

A saude de Leão XIII

Ha dias um cardeal francez, cum-

primentando Sua Santidade; felicitou-o, pelo seu excellent estado de saude.

Sua Santidade respondeu:

—Tendes razão em felicitar-me, porque em Roma assegura-se que eu rejuvenesço d'anno para anno, e eu quasi que assim o creio. E' certo que a familia Pecci é de muita duração, mas tambem é certo que n'ella são frequentes as mortes repentinas. Por isso tenho a precaução de commungar todos os dias á missa, como se recebesse o Sagrado Viatico.

A primeira communhão

Está annunciado um congresso internacional, para o principio do mez d'Agosto, como a Obra da primeira communhão.

Realisa-se nos dias 2 a 5 d'agosto em Einsieden, onde a Obra já fundou uma casa de recreio para as primeiras communhões.

Tomou a iniciativa do congresso o director geral da Obra, rev. conego Pitoyé, parochio de Vicq.

A Santa Sé deu a sua approvação a esta obra, e creou uma sede em Viterbo com o mesmo fim, concorrendo igualmente para o monumento commemorativo da primeira communhão de Leão XIII. Vae ser representada condignamente a commissão de Viterbo no congresso de Einsieden.

Os frades de Montariol

Com o titulo de «Querela de testamento nullo, quanto á instituição de herdeiro» recebemos uma minuta escripta perante a primeira e segunda instancia pelo illustre advogado dos auditorios bracharenses o snr. dr. João Penha.

E' um esplendido trabalho em que se prova a toda a luz da evidencia que o legado instituido por D. Maria de Freitas, fallecida em 1897 pertence aos benemeritos padres do convento de S. Boaventura de Montariol, a quem a legataria o deixou.

Agradecemos o exemplar recebido.

Catecismo de Perseverança

Recebemos e agradecemos o fasciculo 20 d'esta importante publicação religiosa, editada pelo nosso bom amigo o snr. Antonio Dourado. Com este fasciculo termina o segundo volume, e começa o terceiro. Custa o primeiro volume, por assignatura, 1\$000 reis e o segundo egual quantia, continuando ainda o editor a receber assignaturas por fasciculos ou por volumes. Cada fasciculo custa 100 reis.

Assigna-se em casa do editor, rua dos Martyres da Liberdade, n.º 165, e é aprobeitar, porque depois da obra concluida, os preços serão mais elevados.

Uma infamia

Diz o «Paiz» do dia 6 do corrente, que «segundo alguns jornaes estrangeiros, Leão XIII perdeu o uso da razão».

Accrescenta que o *Daily Mail* publicou um telegramma, dizendo que, desde o começo da guerra hispano-americana, foi o papa tomado d'uma sobre-excitação nervosa... E que a *Gazette* de Bruxellas confirmando esses boatos, accrescentava que um prelado muito conhecido nos departamentos do oeste de França, contara isto mesmo, *atravessando Paris*.

Mas logo adiante accrescenta: O *Intransigent* de Paris (o jornal jacobino e impio que todo o mundo conhece), concordando com tudo isso (isto é, com toda essa serie de calumnias), e fallando (impiamente) do *golpe terrível sobre o cerebro do velho do Vaticano*, rectifica um erro da *Gazette*, pois que o facto «não foi divulgado por um prelado muito conhecido nos departamentos do oeste de França», mas sim, *por um particular da região do Norte*.

Então foi por um prelado, ou por um particular? Mas quem é esse prelado? quem é esse particular?

Tudo invenções impias, tudo invenções diabolicas!

Depois o «Paiz» accrescenta á laia de commentario, que o clericalismo ha de negar; e *embora a noticia não seja falsa*, ha de occultar o facto pelo maximo do tempo possivel.

E' uma infamia a mais que levantam, mas vae sobscriptada aos tolos.

Fallar verdade a mentir

No «Paiz», diario republicano de Lisboa, vinha publicado um artigo, no seu n.º de 6 de julho de 1898, em que se faziam considerações ácerca da derrota da armada do almirante Cervera. N'esse artigo diz que «os milagres já não são usuaes nos combates modernos, pois que as suas ultimas manifestações remontam á batalha d'Ourique.»

Ora não me dirão porque será, que certa gente, logo que se mette a fallar em religião, diz com certeza tolices? Se pedissem ao articulista um artigo ácerca de engenharia, ou de tactica militar, certamente respondia, que não tinha conhecimentos especiaes, para o poder fazer. Mas, tratando-se de religião, todos são mestres, embora saibam que mal abrem a bocca, ou entra mosca, ou sae asneira.

Então já não são usuaes os milagres nos combates modernos? logo, quer dizer que já foram usuaes, mas já não são. Não é isso? E' o que se deprehende do emprego do adverbio *já*, na phrase que construiu. E demais a mais já não são usuaes! Ora isto equivale a dizer que já houve *combates modernos*

em que os milagres foram de tal maneira repetidos, que eram *usuaves*. E effectivamente, ainda que lhe pese, disse o articulista uma grande verdade, como lhe havemos de provar n'um proximo artigo, que de certo o não convencerá, porque não ha peor cego do que aquelle que não quer ver.

Mas havemos de lhe mostrar, que sem querer, fallou verdade.

E já que estamos tratando de grammatica, sempre lhe queriamos perguntar a quem se refere aquelle adjectivo possessivo *suas*, que vem concordado com *ultimas manifestações*. Evidentemente é a *milagres*. Se é, fez uma descoberta, de que póde pedir *brevet*, porque é uma descoberta de mestre. *As ultimas manifestações d'um milagre!*

Provavelmente, como o papa endoideceu,—a este respeito tambem havemos de fallar, porque as invenções das chafaricas estão a pedir severa repressão,—tambem Deus já não tem poder, não é isso? Então hoje o Deus dos exercitos não é o mesmo Deus de Constantino, de Affonso Henriques, de D. João I, e de Godofredo de Bouillon,—ou é o deus da sua religião, que não é nenhum?

E' bem certo o dictado de que *quos Deus vult perdere, prius dementat*.

A Associação de Costureiras do Porto

São temiveis estas senhoras, na sua hydrophobia contra o rito catholico. N'um dos ultimos domingos, reuniu a associação de classe e, segundo dizem os jornaes, levantou-se a sr.^a Elisa Soares de Souza, que por sobrenome não perca, e tendo obtido a palavra, apresentou a seguinte moção:

«A classe das costureiras do Porto, reunida no dia 3 de julho, afim de organizar a sua associação de classe, afirma a sua solidariedade para com o partido socialista e exara um protesto contra os manejos dos jesuitas.»

E, tendo feito esta *moção* com verdadeira *emoção* e toda a *commoção* de que era susceptivel o seu coração, bebeu um copo d'agua, e satisfeita, pela boa figura que tinha feito, assentou-se.

Pois se a classe se reunia, para se *organisar*, que se organise bem, porque effectivamente está bem desorganizada.

E concluiu toda aquella moxifinada com o seguinte grito: *abaixo os manejos dos jesuitas!* por julgar que assim feria o Circulo Catholico d'Operarios do Porto!

Valha-os Deus, que tão pouco juizo teem! Saberão as sr.^{as} costureiras o que são *manejos*? Não sabem. Ouvem dizel-o e repetem-n'o como se fossem papagaios.

Melhor tratassem de remendar as camisas aos filhos, e lhes ensinassem o

Padre-Nosso, para que elles um dia lhes agradecessem. Olhem que elles não lhes agradecem as tolices que vão dizer para a *sua* associação de classe, fiquem-n'o sabendo as cidadãs *solidarias* com o partido socialista.

E' até onde póde chegar

Os srs. socialistas são uns alhos. Como nunca poderam vêr com bons olhos a nascente instituição do Circulo catholico de operarios, de que se haviam de lembrar? Mandaram alguns sectarios seus assistir á conferencia que o rev.^{mo} conego Dr. Theotónio Vieira de Castro ali fez ultimamente, talvez com o fim de fazerem disturbios, que podessem induzir a desordem. Como vissem tudo em boa ordem, e com o maximo respeito, desistiram do intento, mas vieram dizer para as columnas da «Voz do Proletario» que *aquillo* não estava em condições, que devia ser uma escola, que devia ter uma bibliotheca, etc. . . . coisas e tal, sem se lembrarem os censores que na chafarica da sua Federação ha uma taberna, para os operarios. . . se illustrarem, gastando os magros cobres, e arruinarem a saude.

O que tem infinita graça é a insistencia com que aquelle orgão desafinado se apraz combater as doutrinas religiosas, fallando constantemente, nas vantagens «da propriedade collectiva» como se semelhante desconcerto fosse coisa que podesse realizar-se.

Admira-nos como os jornaes sérios ainda perdem tempo a combatel-os, contrapondo-lhes artigos de S. Thomaz, do Conego Dehon, e de outros theologos. Bastava fazer-lhes vêr o seguinte:

Que diria o redactor d'aquelles artigos, quando sentisse, que, altas horas da noite, era posto fóra da cama, no melhor do somno, por qualquer adventicio de pé descalço, que entendesse que tinha o mesmo direito que elle á propriedade do seu fôfo colchão?

Porque é preciso que convenham: quando isso se realisasse, cumpria-se o preceituado no Evangelho, de que os primeiros seriam os ultimos, e os ultimos os primeiros, pois que não haveria vadio algum roto e immundo, d'esses que nunca souberam o que fosse trabalho, que quizesse tornar a dormir na humilde baiuca, em que até ahi tinha habitado. . . Ia logo procurar um palacete, e punha infallivelmente no olho da rua o proprietario da melhor cama, para poder apossar-se d'ella.

E a familia? Que havia de ser da familia, cujos laços haviam de forçosamente serem despedaçados, pois que ninguem podia ter morada certa, nem os filhos podiam ter a certeza de ter logar em casa dos paes, nem estes po-

der algum para os obrigar a residir em commum?

Ora isto para os vadios, sem familia, ou para os que se não importam com ella, estava muito bem. Mas para os que teem amor á sua esposa, aos seus filhos, ao socego da sua casa? Poderia semelhante coisa realizar-se? E a realizar-se, podia acaso ser duradouro tamanho absurdo, tão irrealizavel contra-senso?

E ainda haver cabeças que advoguem semelhantes doutrinas e tolos que lhes prestem attenção!

Graça regia

Acaba de ser agraciado pelo governo de Sua Magestade com a carta do conselho o snr. dr. Theotónio Ribeiro Vieira de Castro, dignissimo conego da Sé Cathedral do Porto, e vice-reitor do Seminario episcopal.

Não podia ser mais cabida que no eminente sacerdote esta graça regia, pois que ninguem mais que s. exc.^a rev.^{ma} tem jus a tão significativa prova de apreço, já pela sua comprovada e robusta intelligencia de que tem dado exuberantes provas, já pela sua reconhecida caridade, zelo religioso e bondade do coração, pois que a sua bolsa está sempre aberta para a pobreza e para tudo quanto diz respeito a beneficencia religiosa.

Ao novo conselheiro, e nosso presado amigo damos sinceras felicitações.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos bondosos assignantes, que ainda estão em divida das suas assignaturas d'este anno, o obsequio de satisfazerem o seu debito, por isso que as assignaturas são pagas adiantadamente, e já é decorrido mais de meio anno.

A redacção do «Progresso Catholico» resolveu offerecer a todos os srs. assignantes que se acharem em dia com as suas assignaturas até o mez de setembro do corrente anno, um exemplar da excellente obra «As tres rosas dos escolhidos», cuja 3.^a edição está brevemente a sahir do prélo; convido advertir que só tem direito ao brinde quem cumprir com a condição supra.

OBRAS EDITADAS

POR

JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA

EDITOR CATHOLICO

72, RUA DA PICARIA, 74 - PORTO

As Chammas do Amor de Jesus—ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abade D. Pinnard. Tradução pelo rev. Padre Silva, professor do Collegio de Cucujães e precedido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Viana, dignissimo director espiritual dos Seminaristas Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.^{mo} Sr. Cardeal D. Americo Bispo do Porto; Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos ex.^{mas} srs. Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo-Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16.^o 2.^a edição. 1 vol., encad. 300

A' Juventude—Sorrisos d'um velho—a verdade a rir—o erro chorando; pelo Dr. Padre José Rodrigues Cosgaya, com approvação e recommendação de Sua Em.^a Rev.^{ma} o Sr. Cardeal Bispo do Porto, 1 vol. broch. 400

Bento José Labre—Tributo de respeito no seu primeiro centenário por Francisco d'Azeredo Teixeira de Aguiar, conde de Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

Cartas Encyclicas do Santo Padre Leão XIII aos Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos de todo o mundo catholico—2 vol. 1\$000

Catecismo contra o Protestantismo—Composto pelo Cardeal Cuesta; arcebispo de S. Thiago; approved e recommendado pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto. Cada exemplar, 50 reis; 25—1\$000; 50—1\$700; 100—2\$800.

Defeza da Crença Catholica, refutação das «Lendas Christãs» pelo sr. Theophilo Braga, por João Manuel de Abreu. 500

Forma de se ganhar com especialidade a singular Indulgencia da Porciuncula. 1 folheto broch. 50

Historia de S. Francisco de Sales—Pelo Marquez de Ségur; traduzida 18.^a edição franceza por M. Fonseca, 1 volume broch. 600

Horas de Piedade—ou orações selectas—Com approvação e recommendação de S. Em.^a o Sr. Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto—Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada, 1 vol. enc. 250

Jesuitas e mais alguma cousa—Estudo pittoresco da Companhia dentro e fóra da *grainha*, escripto nas horas de bom humor, pelo seu auctor Antonio João Rodrigues da Silva Gandra, Doutor e ex-lente de philosophia, etc., etc., (2.^a edição)—1 vol., broch. 200

Jesus Vivo no Padre—Considerações sobre a excellencia e santidade do Sacerdocio, pelo rev. Padre Mille, da Companhia de Jesus. Versão da 3.^a edição franceza pelo rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvação e recommendação de todos os Prelados portugueses—Um grosso vol., broch. 700, enc. 900

VI Livro da Imitação de Jesus Christo—Que alguns attribuem a Jersen, outros a Gerson, e outros a Thomaz de Kempis, vertidos em linguagem portugueza segundo uma tradução publicada em 1743, reimpressa em 1877, e agora revista, correctá e confrontada com a edição latina por Francisco d'Azevedo Teixeira d'Aguiar, conde de Samodães—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol. enc., illustrada com quatro gravuras de pagina. 250

Orações para o fim da missa: em portuguez 10 reis; em portuguez e latim, 40 reis.

Meditações para o mez de Maio—Pelo Padre Affonso Mussarelli, da Companhia de Jesus, com piedosos e lindos colloquios com a SS. Virgem para todos os dias tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Affonso Maria de Ligorio e de outros bons auctores; com permissão do Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto 1 vol. broch. 150

Novena para o Santissimo Nascimento do Menino Deus—1 folheto. 20

O Apostolado da Imprensa—O Apostolado da educação—O Apostolado do Clero—Conferencias religiosas que nos domingos da Quaresma de 1882, 1883 e 1884 recitou na Sé Cathedral do Porto Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. 750

Os episodios Miraculosos de Lourdes, por Henrique Lessere—Continuação e tomo segundo de Nossa Senhora de Lourdes—Obra prefaciada e vertida em portuguez por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguiar, conde de Samodães—1 vol., broch. 600

O Mez de S. José, violeta de Março—Vertido d'um livro allemão por Carlos Henrique Pieper, revisto pelo dr. Trelago Domin-

gos de Souza Moreira Freire—Com permissão do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol. broch. 100, enc. 160

O Mez de Maio—Consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus—Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Com permissão e approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. 400

O Mez dos Finados—Meditações para todos os dias do mez de novembro—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., enc. 400

Os Milagres de Lourdes e o Seculo XIX—Consideração sobre os milagres e replicas aos «espiritos fortes» que os põem em duvida; pelo Padre J. J. G. (2.^a edição) 100

O Progresso Moderno—e o compadre caterra, ou uma palestra ao cair da tarde, por Cornelio Argus, (3.^a edição)—Com permissão do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 100

Oração Funebre—do ex.^{mo} e rev.^{mo} snr. dr. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo titular de Larissa, coadjuctor e futuro successor de Lamego, recitada nas solemnes exequias celebradas na igreja do Seminario conciliar de Braga no dia 10 de julho de 1890, 1 vol., broch. 250

Resumo da Doutrina Christã, com approvação de Sua Em.^a Rev.^{ma} o Sr. Cardeal Bispo do Porto, um cento 1\$000 reis; 50—700 e 25—400 1—20.

Tudo por Jesus—ou caminhos faceis do amor divino, pelo rev. Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe de Nery, de Londres. Doutor em Theologia—Obra traduzida do inglez para o francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua para o portuguez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch. 600, enc. 800

Vida Popular de S. Vicente de Paulo, pelo Padre Berbiguier, conego honorario de Bordeus e Arcipreste de Ligorno—traduzida do francez por M. Fonseca—Com approvação do Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto—Um vol., broch. 400

Philosophia Popular—A Confissão Sacramental—Pelo Padre Manuel Marinho, approved e recommendada pelo Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto; 1 vol. broch. em papel superior. 250

Além das obras mencionadas encarrega-se de satisfazer pedidos de todas as obras religiosas sem augmento de preço.

Não se satisfazem pedidos que não venham acompanhados da sua importancia.

CATECISMO DE PERSEVERANÇA

PELO Padre J. Gaume

Revisto por um doutor theologo, Professor do Seminario do Porto
1.^o vol. broch. por assignat. 1\$000 1.^o vol. enc. inteiro por assignat. 1\$360
1.^o vol. 1/2 enc. " 1\$280 2.^o vol. broch. " 1\$000
2.^o vol. enc. inteira " 1\$360 2.^o vol. 1/2 enc. " 1\$280
Approved e recommendado pelo Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Americo Cardeal, Bispo do Porto.

Continua a distribuição do 3.^o volume, com a maxima regularidade, terminada a publicação o preço é augmentado.

Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 165—Porto.

Aos Padres e aos Fieis

MANUAL DO SANTO ROSARIO

Sua sciencia doutrinal e pratica

Pelo PADRE MATHEUS JOSÉ ROUSSET da Ordem dos Prégadores

Traduzido da 3.^a edição franceza

Sob a direcção do Rev. Padre Pedro Wickey da mesma Ordem

Preço, em broch. 500—Pelo correio, 530

Vende-se na administração do «Progresso Catholico», rua da Picaria, 74—Porto.